



José Cardoso Pires

Okay, curral!

Portugal, país de sucesso, anda encenado em curral de aventureiros a correrem para as alturas, salpicados de lantejoulas. A televisão colonizada, esvaziada e inerte pela massificação da telenovela brasileira. O fedorento e o analfabeto pagos a peso de ouro para enxamearem todos os ecrãs a todas as horas.

VINDO DOS CONFINS mais deserdados, o novíssimo Educador do Povo avançou corajosamente pelo Portugal em labaredas numa carroça maoísta conduzida por um dragão disfarçado de macho alentejano. De dentes cerrados à Pol Pot como é próprio de um revolucionário que não mete medo à burguesia, veio dizer das dele ao professor Cavaco Silva, que por acaso até estava de férias e não tinha telefone.

Preguiça, de seu nome secular, o cruzado do povo foi muito bem visto pela televisão do sórdido capitalismo, que o aproveitou para mostrar aos espectadores a graça de certos explorados da lavoura quando lhes dava para protestar. Este ainda por cima tinha a obstinação de um fanático em transe contínuo como se fosse um universal do Reino de Deus enxertado de khmer de Pias.

Os teledependentes que o viram no ecrã apreciaram. Caiu-lhes bem a fidelidade que o ligava ao macho, a sabedoria de profeta, a subtilidade com que ele lavava o corpo com a água da própria boca e outras revelações campestres. Aprenderam que aquele peregrino incandescente tinha andado ao grão revolucionário com o dr. Durão Barroso e não ficariam mesmo nada admirados se o professor Cavaco, quando voltasse de férias, lhe desse um lugar de ministro.

A ele, não. Ao macho. Porque tudo leva a crer que as sentenças do Preguiça não vinham dele mas do macho que, além de dragão, era ventríloquo.

ENFIM... Portugal, país de sucesso, anda encenado em curral de aventu-

reiros a correrem para as alturas, salpicados de lantejoulas. A televisão colonizada, esvaziada e inerte pela massificação da telenovela brasileira. O fedorento e o analfabeto pagos a peso de ouro para enxamearem todos os ecrãs a todas as horas. De preferência queremos gente culta que saiba fingir que o não é para nos trazer o dinheiro dos embrutecidos que é o mais simples e o de mais lucro, proclamam os ditadores das televisões. Ó, audiovisual. Ó, audiovisual. Sorte negra, a nossa.

Depois do folhetim Preguiça mudo de canal e rendo-me de imediato: Roberto Leal. Dêem-lhe entrada, deixem-no brilhar porque, como artista de génio, sabe cantar o Hino Nacional em tom de Schubert e já está programado para ter assento na Assembleia da República devido à consciência política que desde sempre demonstrou. Com Leal toda a malta canta mal para honra de Portugal. Vota Leal porque é o voto que vale.

Leal está bem, mas à música chamada pimba ou coisa assim é que não há voto que a salve. Não havia, julgavam os menos esclarecidos. Valorizadíssima por uma poesia de rebimba o malho e por uma melodia para dançar ao coice, a pimba era até há pouco uma cassete menosprezada que um destino ingrato reduzira às audições do Portugal abaixo do subdesenvolvido. A televi-

são, por um instinto cultural perverso, descobriu em boa hora este tesouro incompreendido. Adoptou-o e ficou mais subdesenvolvida para seu secreto contentamento.

Pimba. Um apresentador, à boca das câmaras, chamou-lhe popular, ouvi eu. E sabendo muito bem que está a vender matéria para estagnar o público, declara-a erótica, porque, coitada, não passa de uma cantiga de insinuações provincianas a beijinhos e coisinhas de lençóis. Erótica. Na verdade, os papagaios do consumo a qualquer custo não hesitam em confundir um conceito nobre, superior, com a pornografia, a obscenidade ou até com o piscar de olho mais bronco.

De modo que agora, graças à TV, "Portugal é pimba, Portugal é foleiro", proclamou na Televisão Independente um tal Ivan brasileiro que anda para aí. Perante semelhante triunfalismo da incultura, o melhor é desligar antes que nos apareça um Big Show de vacas loucas encardidas de esperma requeentado. Isso ou uma mini-chuva de crianças travestidas de adultos idolatrados por uma pedofilia despersonalizadora.

Fecho a sessão. Com ar desgostoso, os grão-patriarcas da TV integram estas ofensivas na chamada cultura de massas. Mostram índices de audiência: o país real quer é aquilo, dizem elas. Eu limito-me a lembrar-lhes a Lei de Gresham e mais nada:

"A cultura de massas rejeita por igual a alta cultura e a autêntica cultura popular." ●